

JAMES PATTERSON

**FOGO
CRUZADO**





O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Scott Cowen, reitor da Universidade Tulane e herói de Nova Orleans. Sua liderança inspiradora e seus esforços extraordinários ajudaram a garantir um futuro mais brilhante para a instituição e para a cidade depois da devastação causada pelo furacão Katrina.

PRÓLOGO

ACHADO NÃO É ROUBADO

Um

FAZIA MESES QUE KYLE CRAIG matara pela última vez. Antes ele era do tipo que precisava de tudo para ontem, mas agora não. Se os anos de solidão infernal na penitenciária de segurança máxima de Florence, no Colorado, haviam lhe ensinado alguma coisa, era a esperar pelo que queria.

Sentou-se pacientemente no saguão do apartamento de sua vítima, em Miami, com a arma aninhada no colo, olhando as luzes do porto e aguardando. Não tinha pressa. Desfrutava a paisagem, talvez enfim aprendendo a curtir a vida. Sem dúvida parecia à vontade: jeans desbotados, chinelos, uma camiseta que dizia NÃO DIGA QUE NÃO AVISEI.

Às 2h12 da madrugada uma chave soou na fechadura. Kyle se levantou de imediato e apoiou as costas na parede, permanecendo tão silencioso quanto uma estátua.

O homem da vez, Max Siegel, entrou assobiando. Kyle reconheceu a melodia, uma velha recordação de infância. Era a seção de cordas de *Pedro e o lobo*: o tema da caçada de Pedro. Bastante irônico.

Esperou que o Sr. Siegel fechasse a porta e desse mais alguns passos no apartamento ainda escuro. Então mirou com o ponto vermelho do laser e apertou o gatilho.

– Olá, Sr. Siegel. Prazer em conhecê-lo.

Um jato de solução salina carregada de eletricidade acertou-o nas costas, liberando uma descarga de 50 mil volts. Ele trincou os dentes e grunhiu. Seus ombros se levantaram, em seguida seu corpo ficou totalmente rígido e ele tomou como uma árvore.

Kyle não hesitou nem por um segundo. Passou uma corda de náilon pelo pescoço de Siegel, enrolou-a três vezes e começou a arrastá-lo pelo chão para que se encharcasse com a solução salina que estava no piso. Depois puxou-o pelo apartamento na direção do banheiro principal, nos fundos. O homem estava fraco demais para lutar. Todos os seus esforços se concentravam na própria corda, enquanto tentava não ser estrangulado.

– Não lute comigo – disse Kyle por fim. – Não adianta.

Ele colocou Siegel na enorme banheira e amarrou as pontas da corda numa torneira cromada. Isso mantinha a cabeça da vítima levantada numa posição que permitia a Kyle ver seu rosto.

– Você não deve nem saber que essas coisas existem, não é? – perguntou,

levantando a estranha arma que havia levado. – Sei que você andou fora de circulação por um tempo, mas acredite: daqui a algum tempo elas vão fazer o maior sucesso.

Aquilo parecia uma enorme pistola d'água. E era, de certa forma. As armas de choque comuns funcionavam por 30 segundos de cada vez, no máximo. Aquela belezinha era capaz de atirar ininterruptamente, graças a um tambor de 7,5 litros de líquido preso às costas de Kyle.

– O que... você quer? – conseguiu dizer Siegel, engasgado, em resposta àquela loucura.

Kyle sacou do bolso uma pequena câmera digital e começou a tirar fotos. De frente, perfil esquerdo, perfil direito.

– Sei quem você é, agente Siegel. Vamos começar, certo?

O rosto do homem assumiu uma expressão confusa. Depois, amedrontada.

– Ah, meu Deus, isso é algum tipo de engano horrível. Meu nome é Ivan Schimmel!

– Não – disse Kyle, ainda fotografando: testa, nariz, queixo. – Você é Max Siegel, do FBI. Está trabalhando disfarçado há 26 meses. Foi conquistando a confiança do cartel de Buenez até ser autorizado a lidar com os carregamentos. Agora, enquanto todo mundo vigia a Colômbia, você está trazendo heroína de Phuket e Bangcoc para Miami.

Ele baixou a máquina fotográfica e olhou Siegel nos olhos.

– O relativismo moral não tem a menor importância, não é? É tudo em nome do grande objetivo final. Não é, agente Siegel?

– Não sei de quem você está falando! – gritou ele. – Por favor! Olhe minha carteira!

Ele havia começado a lutar de novo, mas outra descarga elétrica logo o imobilizou. A eletricidade ia de imediato até os nervos motores e sensores. A tolerância de Siegel à dor era irrelevante. E a munição, por assim dizer, escorria direto pelo ralo até a baía Biscayne.

– Acho que não posso culpá-lo por não me reconhecer – continuou Kyle. – O nome “Kyle Craig” significa alguma coisa para você? Ou talvez o *Estrategista*? É assim que me chamam na Agência de Segurança Nacional, em Washington. Na verdade, trabalhei lá. Há muito tempo.

Um clarão de reconhecimento surgiu nos olhos de Siegel e desapareceu em seguida. Não que Kyle precisasse de qualquer confirmação. Sua capacidade de reunir informações continuava infalível.

Mas esse tal Max Siegel também era profissional. Não pararia com o jogo agora, *especialmente* agora.

– Por favor – balbuciou ele quando recobrou a voz. – O que é isto? Quem é você? Não sei o que você quer.

– Tudo, Max. Absolutamente tudo.

Kyle tirou mais meia dúzia de fotos e voltou a guardar a câmera no bolso.

– Na verdade você é vítima da qualidade de seu próprio trabalho, se é que isso serve de consolo. Ninguém sabe que você está aqui, nem o escritório local do FBI. Por isso o escolhi. Selecionei-o entre todos os agentes que trabalham nos Estados Unidos. *Você*, Max. Adivinhe por quê.

Sua voz havia mudado. Agora estava mais nasalada, com as mesmas nuances do sotaque do Brooklyn que temperavam o verdadeiro modo de falar de Max Siegel.

– Isso nunca vai dar certo! Você é louco! – gritou Siegel. – Você é louco, porra!

– Segundo alguns padrões, acho que posso ser. Mas também sou o filho da puta mais brilhante que você terá o prazer de conhecer. – Então Kyle puxou o gatilho de novo e simplesmente deixou *rolar*.

Siegel ficou mudo e se retorceu no fundo da banheira. Por fim, começou a engasgar com a própria língua. Kyle assistia, observando com atenção cada detalhe até o fim, estudando sua cobaia até não restar nada para aprender.

– Espero que isso funcione – disse. – Não gostaria que o senhor morresse a troco de nada, Sr. Siegel.

Dois

VINTE E DOIS DIAS DEPOIS, um homem espantosamente parecido com Max Siegel fechou a conta no Hotel Meliá Habana, no luxuoso bairro de Miramar, em Havana, Cuba. Ali, os turistas em busca de atendimento médico fora de seu país eram tão comuns quanto os batedores de carteira. Ninguém olhou duas vezes para o homem de ombros largos que passava pelo saguão usando um terno de linho, com hematomas em volta dos olhos e gaze sobre o nariz e as orelhas.

Ele pagou sua estada com o novíssimo cartão American Express de Max Siegel, imitando com perfeição sua assinatura. As cirurgias, no entanto, tinham sido acertadas em dinheiro.

Ao sair do hotel, o sujeito pegou um táxi e atravessou a cidade até o consultório do Dr. Cruz, discretamente localizado numa das incontáveis arcadas neoclássicas da cidade. Lá dentro havia uma clínica moderna, com equipe e serviço

completos, capazes de dar orgulho a qualquer cirurgião plástico caro de Miami ou Palm Beach.

– Devo dizer, *señor* Siegel, que estou bastante satisfeito – afirmou o médico, baixinho, enquanto removia a última bandagem. – É um dos melhores trabalhos que já fiz, se me permite dizer. – Seus gestos eram gentis, porém rápidos e eficientes, muito profissionais. Ninguém diria que ele estava disposto a aparar tantas arestas éticas junto com a pele e os ossos do rosto dos clientes.

O Dr. Cruz havia feito sete procedimentos diferentes, algo que poderia demorar meses ou até mesmo um ano em outro lugar: uma blefaroplastia; uma rinoplastia com elevação completa da pele e do tecido mole na pirâmide nasal; novos implantes de polietileno para obter malares e queixo mais salientes; uma genioplastia para tornar o maxilar mais proeminente; um ligeiro aumento da testa com silicone; e, como toque final, uma pequena covinha no queixo – exatamente igual à de Max Siegel.

A pedido do paciente, nenhuma imagem eletrônica fora feita antes ou depois das intervenções cirúrgicas. Em troca do pagamento justo, o Dr. Cruz estivera mais do que disposto a trabalhar a partir de uma série de ampliações digitais impressas, sem fazer perguntas, sem interesse em qualquer detalhe.

Agora, ao segurar o grande espelho de mão para Kyle ver seu reflexo, o efeito foi espantoso. Os implantes, em especial, eram como uma transformação milagrosa.

O reflexo de *Max* – não o de Kyle – no espelho sorria. Ele sentiu uma ligeira ardência nos cantos da boca, que não se movia exatamente como antes. De fato, ele não se reconhecia de forma alguma. Usara outros disfarces no passado, inclusive algumas próteses muito caras que o tiraram da prisão. Mas nada que se comparasse a isso.

– Em quanto tempo os hematomas vão sumir? – perguntou. – E esse inchaço em volta dos olhos?

Cruz entregou-lhe uma pasta com informações sobre o pós-operatório.

– Com o descanso apropriado, o senhor deverá parecer completamente normal dentro de sete a 10 dias.

As mudanças que faltavam ele poderia fazer sozinho: barbear-se, escurecer o cabelo e cortá-lo à escovinha, colocar um simples par de lentes de contato coloridas. Se havia alguma decepção, devia-se ao fato de que Kyle Craig havia sido muito mais bonito do que Max Siegel.

Mas paciência. Ele precisava pensar no quadro geral. Da próxima vez poderia ser Brad Pitt, se quisesse.

Saiu da clínica de muito bom humor e pegou outro táxi direto para o Aero-

porto Internacional José Martí. De lá, voou de volta a Miami, com conexão para Washington naquela mesma tarde. Para o evento principal.

Seus pensamentos já haviam começado a girar em torno de uma ideia: encontrar seu velho amigo e ocasional parceiro Alex Cross. Será que Alex havia esquecido as promessas que Kyle lhe fizera ao longo dos anos? Não parecia possível. Mas será que Cross teria ficado só um pouquinho mais complacente nesse meio-tempo? Talvez. De qualquer modo, o “grande” Alex Cross ia morrer, e ia morrer feio. Haveria dor, porém, mais do que isso, haveria arrependimento. Seria um final digno da espera, sem dúvida.

E, enquanto isso, Kyle se divertiria um pouco. Afinal de contas, como o novo e melhorado Max Siegel, ele sabia melhor do que ninguém que havia mais de um modo de tomar a vida de outro homem.

PARTE UM

ATIRADOR A POSTOS

capítulo 1

OUTRO BUEIRO HAVIA EXPLODIDO em Georgetown, fazendo a tampa voar a uma altura de quase 12 metros. Era uma epidemiazinha estranha, como se a velha infraestrutura da cidade tivesse chegado a uma espécie de saturação crítica.

Com o passar do tempo, as tubulações subterrâneas haviam se corroído, preenchendo o espaço sob as ruas com gás inflamável. No fim – e com mais frequência nos últimos dias – os fios expostos criavam um curto-circuito, acendendo uma bola de fogo no esgoto e lançando pelo ar mais uma tampa de ferro de 130 quilos.

Eram essas notícias estranhas e apavorantes que sustentavam Denny e Mitch. Toda tarde eles juntavam seus jornais para vender e iam até a biblioteca acessar o site do Departamento Municipal de Transporte para saber onde o tráfego estaria pior. Os engarrafamentos faziam seus lucros aumentarem.

Mesmo num dia comum, a Key Bridge estava à altura de seu apelido: Ponte Estrangulada. Mas hoje a chegada pela Rua M era uma mistura de estacionamento e circo. Denny seguiu pelo meio do tráfego e Mitch pegou a lateral.

– *True Press*, só 1 dólar. Ajude os sem-teto.

– Jesus te ama. Ajude os sem-teto.

Formavam uma dupla estranha: Denny, um cara branco de mais de 1,80 metro de altura, com dentes podres e uma barba por fazer que jamais escondia totalmente o queixo fundo, e Mitch, um negro com rosto de menino, corpo robusto que chegava no máximo a 1,67 metro e trancinhas afro no cabelo.

– Isto aqui é uma metáfora perfeita, não é? – dizia Denny.

Os dois conversavam por cima do teto dos carros. Ou melhor, Denny falava e Mitch bancava uma espécie de coadjuvante.

– A pressão vai crescendo lá embaixo, onde ninguém vê, porque tudo o que existe lá são ratos e merda, e quem se importa com isso, não é? Até que um dia...

– Denny encheu as bochechas e fez um som parecido com uma explosão nuclear. – Agora você *tem* que prestar atenção, porque os ratos e a merda estão por toda parte e todo mundo quer saber por que *ninguém* fez nada para impedir. Se isso não é a descrição perfeita de Washington, não sei o que é.

– Perfeita, malandro – concordou Mitch, rindo. Em sua camiseta desbotada estava escrito: IRAQUE: SE VOCÊ NÃO ESTEVE LÁ, CALE A BOCA! A calça era de camuflagem, larga como a de Denny, só que cortada na altura do tornozelo.

Denny carregava sua camisa dobrada sobre o ombro, em vez de vesti-la, para exibir seu projeto de tanquinho no abdômen. Nunca fazia mal mostrar algo agradável aos olhos, e o rosto não era exatamente seu ponto forte.

– É o estilo americano – continuou ele, alto o bastante para que qualquer um que estivesse com a janela aberta ouvisse. – Continuar fazendo o que sempre fez e continuar ganhando o que sempre ganhou. Estou certo ou não? – perguntou ele a uma bela mulher de *tailleur* dentro de um BMW. Ela chegou a sorrir e comprou um jornal. – Deus te abençoe, moça. Senhoras e senhores, *é assim* que a gente faz as coisas!

Continuou a perturbar a multidão, conseguindo que mais e mais motoristas estendessem a mão com dinheiro para fora das janelas.

– Ei, Denny! – Mitch esticou o queixo para mostrar uma dupla de policiais que vinham da Rua 34 na direção deles. – Acho que aqueles dois não estão gostando muito da gente.

Denny gritou antes que os policiais pudessem falar:

– Pedir não é contra a lei, senhores policiais. Pelo menos fora dos parques federais, e da última vez que verifiquei a Rua M não era um parque!

Um deles gesticulou para o emaranhado de carros, caminhões de empresas de energia e veículos do Departamento de Trânsito.

– Vocês estão brincando comigo, né? Vamos lá, saiam daí!

– Qual é, cara, vai negar a dois *veteranos sem-teto* o direito de ganhar a vida honestamente?

– Você já foi ao Iraque, cara? – acrescentou Mitch. As pessoas começavam a olhar com curiosidade.

– Vocês ouviram – disse o segundo tira. – Vão embora. *Agora*.

– Ei, cara, só porque você tem um bundão não significa que precise *ser* um – provocou Denny, arrancando algumas risadas dos motoristas e passageiros. Podia sentir a plateia passando para o seu lado.

De repente houve alguns empurrões. Mitch não gostava muito de ser tocado e o policial que tentou fazer isso caiu sentado entre os carros. O outro pôs a mão no ombro de Denny, que, rápido como um raio, a empurrou para longe.

Hora de dar o fora.

Ele deslizou por cima do capô de um táxi e começou a ir na direção da Prospect, com Mitch em seu encalço.

– Parem aí mesmo! – gritou um dos policiais.

Mitch continuou correndo, mas Denny se virou. Vários carros estavam entre ele e os oficiais agora.

– O que você vai fazer? Atirar num veterano sem-teto no meio do trânsito?

– Em seguida abriu os braços. – Vá em frente, cara. Me apague. Economize uns trocados para o governo.

As pessoas estavam buzinando e algumas gritavam de dentro dos carros:

– Deixe-o em paz!

– Apoiem as tropas!

Denny sorriu, mostrou o dedo médio para o policial e correu para alcançar Mitch. Um segundo depois seguiram pela Rua 33 e logo sumiram de vista.

capítulo 2

AINDA ESTAVAM RINDO QUANDO chegaram ao Suburban velho de Denny, parado no Estacionamento 9, perto da Biblioteca Lauinger, no campus de Georgetown.

– Aquilo foi irado! – O rosto flácido de Mitch brilhava de suor, mas ele não estava nem um pouco sem fôlego. Era do tipo cujos músculos se pareciam muito com gordura. – *O que você vai fazer?* – zombou. – *Atirar num veterano sem-teto no meio do trânsito?*

– *True Press*, 1 dólar – disse Denny. – Almoço no Taco Bell, 3 dólares. A cara do tira quando percebe que você venceu? Não tem preço. Queria ter batido uma foto.

Tirou um envelope laranja de baixo do limpador de para-brisa e acomodou-se no banco do motorista. O carro ainda fedia aos cigarros que ele fumara um atrás do outro e aos burritos que comera na noite anterior. Travesseiros e cobertores estavam embolados no banco de trás, perto de uma sacola de compras cheia de latas.

Atrás deles, sob uma pilha desmoronada de caixas de papelão, alguns restos de tapete velho e um fundo falso de compensado, havia duas pistolas Walther PPS 9mm, um M21 semiautomático e um fuzil de atirador de elite M110 de uso restrito das Forças Armadas. E também uma mira telescópica térmica de longo alcance, uma luneta, um kit de limpeza para os fuzis e várias caixas de munição, tudo enrolado numa grande lona de plástico presa com várias cordas elásticas.

– Você mandou bem lá, Mitchie – disse Denny. – Muito bem. Não perdeu a calma nem um segundo.

– Isso – respondeu Mitch, esvaziando os bolsos na bandeja plástica de lanchonete que estava entre os dois. – Não vou perder a calma, Denny. Eu sempre fico frio que nem... como é que se diz, mesmo? Que nem um picolé.

Denny contou a fêria do dia. Quarenta e cinco dólares – nada mau para um

turno curto. Deu a Mitch 10 notas de 1 dólar e um punhado de moedas de 25 centavos.

– E aí, o que você acha, Denny? Estou pronto ou não? Acho que sim.

Denny se recostou no banco e acendeu uma guimba que estava no cinzeiro. Entregou-a a Mitch e acendeu outra. Em seguida, pôs fogo no envelope laranja que tinha a multa de estacionamento e largou-o aceso no chão do lado de fora.

– É, Mitch, acho que você talvez esteja pronto. A questão é: *eles* estão prontos para nós?

Os joelhos de Mitch começaram a pular como uma britadeira.

– Quando a gente começa? Hoje à noite? Que tal hoje à noite? Que tal, hein, Denny?

Denny deu de ombros e se reclinou.

– Aproveite a paz e o silêncio enquanto pode, porque logo, logo você vai ser famoso pra cacete. – Ele soltou um círculo de fumaça, depois outro, que passou bem no meio do primeiro. – Está preparado para ser famoso?

Mitch estava olhando pela janela para duas estudantes bonitas, de saia curta, que atravessavam o estacionamento. Seus joelhos ainda estavam balançando.

– Estou pronto para começar, é isso aí.

– Muito bem, garoto. E qual é a missão, Mitchie?

– Limpar essa bagunça de Washington, como os políticos sempre dizem.

– Isso mesmo. Eles ficam falando...

– Mas a gente vai *fazer* alguma coisa. É isso aí. É isso aí.

Denny levantou a mão para que Mitch batesse nela, depois ligou o carro. Deu ré pelo caminho mais longo, para dar uma boa olhada nas garotas por trás.

– E aí, onde você quer comer? A gente tem uma grana para torrar hoje.

– No Taco Bell, cara – respondeu Mitch sem nem precisar pensar.

Denny empurrou a alavanca de câmbio com força e partiu.

– Por que não estou surpreso?

capítulo 3

O ASSUNTO PRINCIPAL NA MINHA vida nesses dias era Bree – Brianna Stone, conhecida na Polícia Metropolitana como a Rocha. Sim, ela era tudo isto: firme, intensa, linda. Havia se tornado parte da minha vida a ponto de eu não conseguir mais me imaginar sem ela. Fazia anos que as coisas não atingiam esse ponto de equilíbrio para mim.

Claro, o fato de o Departamento de Homicídios estar tão calmo ultimamente também ajudava. Como policial, você não consegue deixar de se perguntar quando o mundo vai cair de novo na sua cabeça, mas enquanto isso Bree e eu tínhamos inéditas duas horas de almoço naquela tarde de quinta-feira. Em geral, o único modo de nos vermos durante o dia era trabalhando no mesmo caso de homicídio.

Nós nos sentamos a uma mesa dos fundos no Ben's Chili Bowl, sob todas aquelas fotos autografadas de celebridades. O Ben's não é exatamente o lugar mais romântico do mundo, mas é uma instituição em Washington. Só as salsichas semidefumadas já valiam a visita.

– Sabe como as pessoas estão nos chamando no trabalho? – perguntou Bree, terminando sua bebida. – Breelex.

– Breelex? Tipo Brangelina, de Brad Pitt e Angelina Jolie? Isso é *horroroso*.

Ela gargalhou. Não conseguia ficar séria diante disso.

– Estou dizendo, os tiras não têm imaginação.

– Hummm. – Pus a mão de leve na perna dela, por baixo da mesa. – Há exceções, claro.

– Claro.

Qualquer coisa além disso teria que esperar, mas não somente porque os banheiros do Ben's nem de longe eram uma opção. Na verdade nós precisávamos ir a um lugar importante naquele dia.

Depois do almoço caminhamos de mãos dadas pela Rua U até a joalheria de Sharita Williams. Sharita era uma velha amiga do ensino médio e por acaso também fazia um trabalho fantástico com peças antigas.

Uma dúzia de sininhos minúsculos tilintou sobre nossa cabeça quando passamos pela porta.

– Ora, vejam se vocês não parecem apaixonados! – Sharita sorriu de trás do balcão.

– É porque estamos, Sharita – respondi. – E eu recomendo fortemente.

– Se você achar um bom homem para mim, estou dentro.

Ela sabia por que estávamos ali e tirou uma caixinha de veludo preto de baixo do balcão.

– Ficou lindo – falou. – Adorei esta peça.

O anel pertencera à minha avó, Nana Mama, que tinha mãos incrivelmente pequenas. Precisamos mandar alargá-lo para Bree. A peça tinha uma base de platina em estilo art déco, com três diamantes incrustados, o que me pareceu perfeito: um para cada filho. Talvez seja brega, mas era como se aquela joia representasse tudo com que Bree e eu estávamos nos comprometendo. Afinal de contas, era um pacote completo, e eu me sentia o homem mais sortudo do mundo.

– Ficou bom? – perguntou Sharita quando Bree o colocou.

Bree não conseguia tirar os olhos do anel e eu não conseguia tirar os olhos dela.

– É, ficou bom – respondeu, pegando minha mão. – É a coisa mais linda que já vi.

capítulo 4

APARECI NO FIM DA TARDE no Daly Building. Era uma ótima hora para colocar em dia a papelada que vivia brotando na minha mesa.

No entanto, quando cheguei à sala da Divisão de Casos Especiais, o chefe Perkins estava saindo para o corredor com alguém que não reconheci.

– Alex – disse ele. – Que bom! Você vai me economizar outra viagem. Pode nos acompanhar?

Obviamente, algo estava acontecendo, e não era bom. Quando o chefe quer fazer uma reunião, é você que vai até ele, não o contrário. Dei meia-volta e os segui na direção dos elevadores.

– Alex, este é Jim Heekin, o novo encarregado da Diretoria de Informações no FBI.

Trocamos um aperto de mãos. Heekin disse:

– Ouvi falar bastante de você, detetive Cross. Embora para o FBI tenha sido uma perda, foi um grande ganho para a Polícia Metropolitana você ter voltado para cá.

– Xi... – reagi. – Elogios nunca são bom sinal.

Todos rimos, mas era verdade. Muitos dos novos administradores no Bureau gostam de mostrar serviço quando assumem o cargo só para as pessoas saberem a que vieram. A questão era: o que a nova função de Heekin tinha a ver comigo?

Assim que nos acomodamos na grande sala de Perkins, Heekin foi muito mais específico.

– Imagino que você conheça os nossos GIV – disse ele.

– Grupos de Informações de Campo – falei. – Nunca trabalhei diretamente com eles, mas é claro que os conheço.

Os GIV tinham sido criados para reunir e compartilhar informações com as agências da lei em suas respectivas jurisdições. Na teoria, parecia uma boa ideia, mas alguns críticos viam isso como parte do costume que o Bureau tinha de

passar adiante a responsabilidade pelas investigações criminais no país depois do 11 de Setembro.

– Como você deve saber – prosseguiu Heekin –, o grupo de Washington tem contato com todos os Departamentos de Polícia da nossa área, inclusive a Polícia Metropolitana. E também a Agência de Segurança Nacional, o Escritório de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos, o Serviço Secreto... Temos teleconferências mensais e nos encontramos pessoalmente quando necessário, dependendo de onde seja a ação.

Aquilo começava a parecer papo de vendedor, e eu já tinha quase certeza do que ele vendia.

– Em geral, os chefes de polícia representam seus departamentos junto aos GIV – continuou ele com seu discurso firme, bem ritmado –, mas gostaríamos que você assumisse essa função na Polícia Metropolitana.

Olhei para Perkins e ele deu de ombros.

– O que posso dizer, Alex? Estou ocupado demais.

– Não deixe que ele o engane – disse Heekin. – Eu falei com o chefe aqui e, antes disso, com o diretor Burns, no Bureau. Seu nome foi o *único* citado nas duas reuniões.

– Obrigado – respondi. – Isso é muito gentil, mas estou satisfeito com o meu departamento.

– Sim, exatamente. A Divisão de Casos Especiais é perfeita para essa função. No mínimo, vai tornar o seu trabalho mais fácil.

Percebi que aquilo não era uma oferta, e sim uma nomeação. Quando voltei para a polícia, Perkins me dera praticamente tudo o que eu havia pedido. Agora eu lhe devia uma. Nós dois estávamos cientes disso e *ele* sabia que eu gostava de jogar limpo.

– Sem mudança de cargo – falei. – Em primeiro lugar, sou investigador, não administrador.

Perkins riu do outro lado da mesa. Ele também parecia aliviado.

– Por mim está ótimo. Mantém você no mesmo nível salarial.

– E meus casos terão prioridade sobre todas as outras tarefas?

– Não creio que isso vá ser um problema – respondeu Heekin, já se levantando para sair. Ele apertou minha mão de novo junto à porta. – Parabéns, detetive. Você está subindo na vida.

É, pensei. *Querendo ou não.*

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br